

Aspectos da Morfologia Nominal da Língua K̀ỳikatêjê

Lucivaldo Silva da **COSTA***
Quélvia Souza **TAVARES****

* Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2015). Docente na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Contato: lucivaldosc@unifesspa.edu.br

** Mestrado em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará (2020). Docente no Instituto Federal do Pará. Contato: quelvia.tavares@ifpa.edu.br

¹ Os dados utilizados nesta pesquisa compõem o banco de dados de línguas indígenas do Laboratório de Línguas, Literaturas e Culturas indígenas “Aryon Rodrigues” (LALLIAR), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e foram coletados entre os anos de 2017 e 2019, na aldeia K̀j̀akati.

Resumo:

Neste artigo, apresentamos alguns aspectos da morfologia nominal da língua K̀ỳikatêjê¹. Inicialmente, apresentamos uma visão geral sobre a língua e o povo K̀ỳikatêjê da aldeia K̀j̀akati. Em seguida, descrevemos os tipos de nomes existentes na língua e suas propriedades gramaticais, como as categorias de número e gênero. Por fim, discutimos alguns aspectos da morfologia derivacional dos nomes em K̀ỳikatêjê, a saber, atenuação, intensificação e a composição. Pretendemos contribuir para os estudos Jê, para um maior e melhor entendimento sobre essa classe de palavra e para o estudo da língua no âmbito escolar, uma vez que o atual estado da língua é de obsolescência, sendo falada apenas pelos idosos e em contextos cada vez mais restritos nos domínios sociais na aldeia K̀j̀akati.

Palavras-chave:

Língua K̀ỳikatêjê. Nomes. Morfologia.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 3, p. 36-48, dez. 2022

Recebido em: 01/04/2022

Aceito em: 29/09/2022

Aspectos da Morfologia Nominal da Língua K̀yikatêjê

Lucivaldo Silva da Costa; Quélvia Souza Tavares

O POVO E A LÍNGUA K̀YIKATÊJÊ

Os K̀yikatêjê habitam a Terra Indígena Mãe Maria (TIMM), que incide no município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do estado do Pará. A TIMM tem sido impactada pelos grandes projetos desenvolvimentistas na região, como a instalação do linhão de energia da Eletronorte, a construção da BR 222 e a ferrovia da mineradora Vale, todos passando pela TIMM e deixando impactos ambientais e socioculturais para o povo indígena. Além dos K̀yikatêjê, os Parkatêjê e os Akrãtikatêjê também vivem na TIMM. Atualmente, a população está estimada em 1.000 habitantes, divididos em vinte aldeias, que ficam localizadas ao longo da BR 222. Esses três grupos falam variedades de uma língua do complexo Timbira², pertencente à Família Jê, Tronco Macro-Jê.

1. OS TIPOS DE NOMES

Os nomes são usados para codificar uma grande variedade de conceitos de entidades concretas e abstratas, que representam todo o universo sociocultural de um povo (MIRANDA, 2014). Considerando critérios morfológicos, sintáticos e semânticos, evidenciamos três tipos de nomes na língua K̀yikatêjê: (i) nomes relativos, (ii) nomes descritivos e (iii) nomes absolutos. A seguir, apresentamos cada um desses subtipos de nomes.

1.1. Nomes relativos

Nomes relativos são definidos com base em critérios semântico e morfossintático. Semanticamente, esses nomes codificam referentes cuja existência é relativa a algo ou a alguém. Isso fica bem evidenciado na morfossintaxe da língua, quando um nome relativo entra em uma relação de dependência com outro nominal (COSTA, 2015; MIRANDA, 2014). Fazem parte dessa subclasse nomes que se referem a (i) partes do corpo humano, (ii) partes de animais e plantas e (iii) relações de parentesco.

Partes do corpo humano

01)	i	j-arkwa	02)	ropre	j-arkwa
	1PS	R ¹ -boca		Ropre	R ¹ -boca
		‘minha boca’			‘boca de Ropre’

Partes de animais e plantas

03)	kokoij	j-arkwa	04)	kaprãñ	Ø-kapro	05)	tere	Ø-tej
	macaco	R ¹ -boca		jabuti	R ¹ -sangue		açaí	R ¹ -muda
	‘boca do macaco’			‘sangue de jabuti’			‘muda de açaí’	

² Timbira é nome dado a um dos quatro grupos de línguas da Família Jê, que inclui, conforme Rodrigues (1985, p. 47), as línguas dos índios Canela (Ramkókamekra e Apâniekra), Krinkati, Pukobyé (Gavião do Maranhão) e Krenjé (Kreyé); Parkatêjê, K̀yikatêjê e Akrãtikatêjê e dos Krahô.

- | | | | | | |
|-----|---|-----|----------------------------------|-----|----------------------------------|
| 06) | h-anãre
R ² -tia
'tia dela' | 07) | i
1ps
'meu esposo' | 08) | a
2ps
'teu esposo' |
| | | | Ø-pjen
R ¹ -esposo | | Ø-pjen
R ¹ -esposo |
| 09) | Ø-pjen
R ² -esposo
'esposo dela' | | | | |

Os sintagmas que não possuem determinante, como *h-anãre* (06) e *Ø-pjen* (09), traduzidos em português pela forma pronominal *dela*, faz referência a alguém não expresso no sintagma de dependência, porque é identificado anaforicamente pelo interlocutor. Assim, os nomes relativos constituem uma unidade sintática com outros nominais por meio da flexão relacional.

1.2. Nomes descritivos

Os nomes descritivos, em Kÿikatêjê, são aqueles que exprimem qualidade, sensação física, estado mental e dinamicidade (COSTA, 2015). Esses nomes sempre seguem seus determinantes, mediados pela flexão relacional e funcionam como modificadores e núcleo de predicados nominais, como pode ser constatado pelos exemplos abaixo:

Qualidade

- | | | | |
|-----|------------------------------------|-----|--|
| 10) | pika
terra
'o fofo da terra' | 11) | krĩ
aldeia
'o redondo da aldeia' |
| | j-akrit
R ¹ -fofo | | 3-ihe
R ¹ -redondo |
| 12) | i
1ps
'o bem de mim' | 13) | ajkre
casa
'a grandeza da casa' |
| | Ø-mpej
R ¹ -bem | | Ø-irepte
R ¹ -grandeza |

Sensações físicas

- | | | | |
|-----|---|-----|-------------------------------------|
| 14) | ko
água
'o frio da água' | 15) | ko
água
'a quentura da água' |
| | j-akri
R ¹ -frio | | Ø-kakrø
R ¹ -quentura |
| 16) | rø i Ø-tikʃati
já 1ps R ¹ -cansaço
'já existe o meu cansaço' (eu já estou cansado) | | |

'Já existe o meu cansaço' seria a tradução literal de 16), isto é, expressaria a existência de uma sensação – que nesse caso é o cansaço –, independentemente do desejo ou da vontade do locutor que a enuncia. A falta de controle sobre tal sensação é evidenciada pelo uso do pronome *i*, que pode funcionar como possessivo, objeto de posposição, objeto direto, sujeito de predicados nominais, mas nunca como sujeito de predicados transitivos, situação em que o sujeito desempenha o papel temático de agente do processo verbal. Assim, podemos visualizar as peculiaridades semântico-pragmáticas das práticas discursivas do povo Kÿikatêjê refletidas na morfossintaxe

da língua, sobretudo quando a comparamos com línguas como o português. O mesmo podemos dizer para o exemplo a seguir.

- 17) i j-õtõfwati
 1PS R¹-sono
 ‘existe o meu sono’

Ora, o exemplo 17 deixa evidente que o sujeito oracional não é um agente do processo, mas é afetado pelo “sono”, ou experiência a sensação de estar com sono.

Estados mentais

- | | | | | | | | |
|-----|----|--------|----------------------------------|-----|----|-------|-------------------------------|
| 18) | mẽ | ntia | Ø-kapĩrẽ | 19) | mẽ | mpi | Ø-kĩ |
| | PL | mulher | R ¹ -tristeza | | PL | homem | R ¹ -alegria |
| | | | ‘existe a tristeza das mulheres’ | | | | ‘existe a alegria dos homens’ |
-
- | | | | | | | | |
|-----|----|--------|-------------------------------|-----|----|-------|-----------------------------|
| 20) | mẽ | ntia | ĩ-nkrĩk | 21) | mẽ | mpi | ĩ-nkrit |
| | PL | mulher | R ¹ -raiva | | PL | homem | R ¹ -raiva |
| | | | ‘existe a raiva das mulheres’ | | | | ‘existe a raiva dos homens’ |

Dinamicidade

O núcleo de predicados dinâmicos é composto por temas nominais ou por temas nominalizados, pois seus argumentos, quando pronominais, são expressos pelas formas *i* e *a* e não pelas formas pronominais *wa* e *ka* – estas usadas como argumentos do núcleo de predicados verbais. Assim, em 22, o sentido da frase para o falante Kÿikatêjê não é no processo, mas no resultado do processo.

- 22) i Ø-katər
 1PS R¹-chegada
 ‘houve a minha chegada’ (eu cheguei)

Desse modo, enquanto em português a ênfase ou foco é no processo ‘cheguei’, em Kÿikatêjê o foco é no resultado do processo, isto é, no nome dinâmico. O mesmo pode ser dito para os exemplos seguintes:

- | | | | | | | |
|-----|-----|-------------------------|-----|----|-------------------------|-----------------------------|
| 23) | a | j-akjei | 24) | i | Ø-krare | j-ĩntøj |
| | 2PS | R ¹ -corrida | | PL | R ¹ -criança | R ¹ -pulo |
| | | ‘houve a tua corrida’ | | | | ‘houve o pulo de meu filho’ |
-
- | | | | | | |
|-----|-----|-----------------------|-----|-----|----------------------|
| 25) | i | Ø-kararã | 26) | a | Ø-kakok |
| | 1PS | R ¹ -grito | | 2PS | R ¹ -fala |
| | | ‘houve o meu grito’ | | | ‘houve a tua fala’ |

1.3. Nomes absolutos

Pertencem à subclasse de nomes absolutos todos os temas que existem por si só, isto é, que não necessitam de outra entidade para existir e, por isso, são independentes tanto sob o aspecto morfosintático, quanto semântico. Incluem-se nessa subclasse de nomes temas que se referem à fauna, flora, a fenômenos naturais e a nomes próprios, como mostram os exemplos a seguir:

Nomes referentes à fauna

27)		
a.	kokoj	‘macaco’
b.	kukenere	‘cotia’
c.	heti	‘aranha’
d.	kaprān	‘jabuti’
e.	kukrit	‘anta’
f.	jaŋi	‘veado’

Nomes referentes à flora

28)		
a.	jaɫ	‘batata’
b.	krero	‘inhame’
c.	puroti	‘jenipapo’
d.	kōnhak	‘abóbora’
e.	rōhi	‘amendoim’
f.	krɔwaho	‘buriti’

Nomes referentes a fenômenos naturais

29)		
a.	kok	‘vento’
b.	pje	‘areia’
c.	pika	‘terra’
d.	kojkwa	‘céu’
e.	pit	‘sol’
f.	kaŋere	‘lua’

Com relação a nomes que designam manufaturas, objetos da cultura material, nomes referenciais não K̄yikatêjê que são usados na comunidade e nomes absolutos, quando, em uma relação de dependência, esta é mediada pelo morfema {-õ}, que significa ‘pertence’ e se combina com os prefixos relacionais, como ilustram os exemplos abaixo:

30) i j-õ pɔkrɛ 31) mē ntia j-õ kaŋɫ
 1PS R¹-pertence canoa PL. mulher R¹-pertence roupa
 ‘o meu pertence, a canoa’ ‘o pertence das mulheres, a roupa’

32) ropre j-õ kruwa 33) mē krare j-õ profesoh
 Ropre R¹-pertence flecha PL. criança R¹-pertence professor
 ‘o pertence de Ropre, a flecha’ ‘o pertence das crianças, o professor’

2. PROPRIEDADES GRAMATICAS DOS NOMES

Os nomes são uma das principais categorias lexicais das línguas naturais e estão universalmente presentes nas línguas do mundo (TRASK, 1994). Eles não só expressam entidades tais como pessoas e coisas, mas também noções relacionadas a eventos, lugares, tempo, dentre outras (ANWARD, 2000). Número e gênero são as categorias gramaticais mais comuns atribuídas a nomes e, em muitas línguas, a expressão formal das noções de singular/plural e masculino e feminino é realizada através do mecanismo flexional (ANDERSON, 1995).

À semelhança do que aponta Rodrigues (1999) para as línguas da família Jê, em K̀ỳikatêjê, a expressão formal das categorias gramaticais de número e gênero se dá por meio de mecanismos sintáticos e lexicais, como vemos a seguir.

Número

A expressão formal da categoria gramatical de *plural* não é expressa morfológicamente nas línguas da família Jê (RODRIGUES, 1999). Em K̀ỳikatêjê, a categoria de número é formalmente expressa pelos morfemas *mẽ* ‘pluralizador’ e pelo ‘coletivizador’ *kwə*.

Pluralizador *mẽ*

Em K̀ỳikatêjê, a categoria gramatical de número é expressa pelo morfema ‘pluralizador’ *mẽ*, enquanto o singular não é marcado. O morfema *mẽ* ocorre anteposto aos pronomes pessoais dependentes e a nomes com o traço semântico [+ humano], como ilustram os exemplos a seguir.

34) ntia mẽ nkrɛ-r
mulher GH cantar-NLZ
‘existiu o cantar da mulher’

35) **mẽ** ntia mẽ nkrɛ-r
PL mulher GH cantar-NLZ
‘existiu o cantar das mulheres’

36) nõkãm wa **a** Ø-mã i Ø-kakok
ontem 1PS.ENF 2PS.ABS R¹-para 1SG.ABS R¹-fala
‘ontem houve a minha fala para você’ (ontem eu falei com você)

37) nõkãm wa **mẽ** **a** Ø-mã i Ø-kakok
ontem 1PS.ENF PL 2PS.ABS R¹-para 1PS.ABS R¹-fala
‘ontem houve a minha fala para vocês’

Partitivo *kwə*

O morfema *kwə* é usado para pluralizar nomes com traços semânticos [- humano]. Esse morfema vem posposto ao nome que pluraliza, conforme mostram os exemplos a seguir:

38) kupẽ Ø-te i Ø-mã pendrive **kwə** Ø-kwə-rə
não indígena R¹-GEN 1PS.ABS R¹-BEN *pendrive* PART R¹-dar-NLZ
‘houve o dar de alguns *pendrives* pelo não indígena a mim’

- 39) mē mpi Ø-te kro kwə Ø-pa
 PL. homem R¹-GEN porcão PART R¹-matar
 ‘houve o matar de alguns porcões pelos homens’

Gênero

A distinção de gênero não se manifesta morfologicamente nos nomes K̀yikatêjê, mas por meio de itens lexicais que fazem referência a termos de parentesco. Esta distinção se dá de dois modos: (i) conforme o gênero biológico do interlocutor e (ii) conforme o gênero biológico do locutor. A seguir, mostramos dois quadros ilustrativos da distinção de gênero em K̀yikatêjê.

Quadro 1 - Nomes distintos conforme o gênero biológico do interlocutor.

Masculino		Feminino	
Referência	Relação	Referência	Relação
ĩnʃu	‘pai’	ĩnʃe	‘mãe’
atõ	‘irmão’	tõj	‘irmã’
ĩnʃuti	‘tio’ (irmão da mãe de ego)	anãre	‘tia’
pjen	‘esposo’	prõ	‘esposa’
tuahũm	‘cunhado’	tuaremẽjĩ	‘cunhada’

Fonte: autor.

Quadro 2 - Nomes distintos conforme o gênero biológico do locutor.

Falante masculino		Falante feminino	
Referência	Relação	Referência	Relação
ipanare	‘sogra’ (mãe da esposa)	iprere	‘sogra’ (mãe do esposo)
piajõ	‘cunhado’ (irmão da esposa)	pjen	‘cunhado’ (irmão do esposo)
iprere	‘cunhado’ (esposo da irmã)	pjen	‘cunhado’ (esposo da irmã)
prõ	‘cunhada’ (irmã da esposa ou esposa do irmão)	iprere	‘cunhada’ (irmã do esposo)

Fonte: autor.

Há, em K̀yikatêjê, o uso de estratégias sintáticas para expressar gênero biológico de certos animais e aves. Trata-se do uso dos temas nominais *ĩm* ‘macho’ e *kahãj* ‘fêmea’, os quais recebem os prefixos relacionais para indicar a relação de constituição sintática com outro tema nominal determinante, imediatamente à sua esquerda, como ilustram os exemplos a seguir.

- 40) jaʃĩ ʃ-ũmti 41) jaʃĩ Ø-kahãjre
 veado R¹-macho veado R¹-fêmea
 ‘veado macho’ ‘veado fêmea’
- 42) rɔp ʃ-ũmti 43) rɔp Ø-kahãjre
 cachorro R¹-macho cachorro R¹-fêmea
 ‘cachorro macho’ ‘cachorro fêmea’

2.1. Morfologia derivacional

A derivação é um mecanismo morfológico utilizado na formação de novos itens lexicais pelo acréscimo de afixos a uma forma básica. Em K̀ỳikatêjê, a derivação, ao lado da composição, é um dos principais processos usados para criar novas palavras. Apresentamos, a seguir, os mecanismos usados em K̀ỳikatêjê para a formação de novos vocábulos.

2.1.1. Atenuação e intensificação

Em K̀ỳikatêjê, os nomes, de modo geral, recebem os sufixos derivacionais {-rɛ} ‘atenuativo’ e {-ti} ‘intensivo’, os quais atenuam e intensificam formas referentes a entidades físicas e abstratas, como sentimentos, estados de espírito, entre outros (COSTA, 2015).

Atenuação e intensificação

44)	mĩ	‘jacaré’
a.	mĩ-rɛ	‘jacarezinho’
b.	mĩ-ti	‘jacarezão’

45)	rɔp	‘cachorro’
a.	rɔp-rɛ	‘cachorrinho’
b.	rɔp-ti	‘cachorrão’

46)	kaprek	‘vermelho’
a.	kaprek-rɛ	‘pouco vermelho’
b.	kaprek-ti	‘muito vermelho’

47)	mpej	‘bonito’
a.	mpej-rɛ	‘bonitinho’
b.	mpej-ti	‘muito bonito’

48)	kakrɔ	‘quente’
a.	kakrɔ-rɛ	‘quentinho’
b.	kakrɔ-ti	‘muito quente’

2.1.2. Composição

A composição é um processo de formação de palavras por meio de duas ou mais palavras já existentes (TRASK, 1994). Segundo Bybee (1985), a composição distingue-se de outros processos de formação de palavras por ser constituída por unidades lexicais que já existem e são formas independentes na língua tanto do ponto de vista fonológico quanto semântico e a união desses vocábulos resulta em uma forma lexical composta cujo

significado nada tem a ver com a soma dos significados das partes que a compõem. Em K̀yikatêjê, a criação de novos itens lexicais faz-se por meio da justaposição de temas de distintas classes, como mostram os exemplos abaixo.

Nome + nome

49)	mpə	ko-ti
a.	coisa	chifre-AUM
	'boi'	

50)	pɔr	krɛ
a.	pau	buraco
	'canoa'	

51)	pɔr	kupu-ʃʌ
a.	pé	cobrir-NLZ.CIRC
	'cobertor do pé' (sapato)	

Nome + verbo

52)	pa	ʃe
a.	braço	fio
	'braçadeira' ou 'pulseira'	

53)	tu	pɛ
a.	barriga	amarrar
	'cinta feminina'	

Outro processo de composição lexical é conhecido como *Termos de classe* (COSTA, 2015; MIRANDA, 2014). Esse processo de composição lexical assemelha-se aos processos derivacionais e é relativamente produtivo nas línguas e muito frequentes, sobretudo no que diz respeito ao campo semântico relacionado a ocupações humanas e ao mundo vegetal (GRINEVALD, 2002, p. 261 *apud* COSTA, 2015, p. 73). Em K̀yikatêjê, há termos de classe relacionados ao mundo vegetal, os quais combinam com temas nominais para denotar (i) nomes de árvores, (ii) nomes de plantas e árvores em posição vertical, (iii) nomes de plantas e árvores em posição horizontal, (iv) fruto de árvore e (v) semente de frutos. Os exemplos a seguir ilustram os tipos de termos de classe apresentados acima.

2.1.3. Termo de classe pɔr

O termo de classe pɔr corresponde a árvores tais como bacabeiro, cupuzeiro, bananeira, jenipapeiro, castanheira, pequizeiro, bacurizeiro, entre outros, usado para se referir a plantas em posição vertical, como é visto abaixo:

54)	Composto	Tradução
a.	kapere pɾɿ	‘pé de bacaba’
b.	kotɿj pɾɿ	‘pé de cupuaçu’
c.	pípíp pɾɿ	‘pé de banana’
d.	rõnhɿkupaɾɿti pɾɿ	‘pé de mamão’
e.	porɿti pɾɿ	‘pé de jenipapo’
f.	pɾɿʃo pɾɿ	‘pé de castanha’
g.	kokjaĩnti pɾɿ	‘pé de ingá’
h.	pĩti pɾɿ	‘pé de pequi’
i.	kũmʃe pɾɿɿ	‘pé de bacuri’

2.1.4. Termo de classe *ko*

O termo de classe *ko* é usado para indicar o lugar onde há um conjunto de plantas da mesma espécie e em posição vertical. Seguem, abaixo, exemplos com esse termo de classe.

55)	Composto	Tradução
a.	kapere ko	‘bacabal’
b.	kotɿj ko	‘cupuzal’
c.	pípíp ko	‘bananal’
d.	rõnhɿkti ko	‘mamãozal’
e.	porɿti ko	‘jenipapozal’
f.	krɿwa ko	‘buritizal’

Conforme apresenta Costa (2015), há uma tendência de se considerar alguns nomes como sendo termos de classe (FERREIRA, 2003; MIRANDA, 2014). Em Kĩkatêjê, os nomes *ʃ-o*, *-hi* e *-krã* não devem assim ser considerados porque podem ter como determinantes um prefixo relacional ou um dêitico. Vejamos a seguir alguns exemplos em que estes nomes ocorrem.

56)	krɿwa	ʃ-o	57)	awara	ʃ-o
	buriti	R ¹ -fruto		inajá	R ¹ -fruto
	‘fruto do buriti’			‘fruto do inajá’	
58)	pɾɿʃo	Ø-hi	59)	pi	Ø-hi
	castanha	R ¹ -semente		urucum	R ¹ -semente
	‘semente de castanha’			‘semente de urucum’	
60)	hɿkohoʃo	Ø-krã			
	manga	R ¹ -caroço			
	‘caroço de manga’				

Em Kĩkatêjê, os nomes que designam líquido geralmente são acompanhados do termo de classe *kako*. A seguir, apresentamos exemplos de nomes usados com esse termo de classe, o qual indica que o nome refere entidade líquida.

61)		
a.	mpəkotikɫ kako	‘leite de gado’ (líquido da pele do gado)
b.	ĩnto kako	‘lágrima’ (líquido do olho)
c.	ikrət kako	‘coriza’ (líquido do nariz)

3. NOMINALIZAÇÃO

A nominalização é o mecanismo pelo qual itens lexicais pertencentes a outras classes de palavras são transformados em nomes (COSTA 2003, 2015; MIRANDA, 2014). Em K̀yikat̀jê, nomes de agente, paciente e de circunstância (local, instrumento e evento), são derivados, respectivamente, a partir do acréscimo dos sufixos *-kate*, *-ti* e *-fl* a temas nominais deverbais.

3.1. Nomes de agente

Há quatro estratégias de formação de nomes de agente em K̀yikat̀jê. A primeira consiste no uso do nome *mpə* seguida pela forma verbal nominalizada, à qual o sufixo de nome de ação *-kate* se adjunge (exemplos 62 a). Na segunda estratégia, usa-se um nome resultante da atividade expressa por um verbo transitivo nominalizado, ao qual associa-se o sufixo *-kate* (exemplo 62 b). A terceira estratégia ocorre com formas verbais intransitivas nominalizadas, às quais o sufixo *-kate* se liga (exemplo 62 c). A última estratégia é feita com um tema nominal que expressa o paciente da ação verbal, ao qual junta-se *-kate*. Vale notar, nessa última estratégia, a dispensa do tema verbal nominalizado, que é facilmente recuperado pelo interlocutor através do contexto discursivo (exemplo 62 d).

62)	Nome de agente	Tradução
a.	mpə j-arẽ-j-kate	‘contador de história’
b.	tɛp prɔ-kate	‘pescador’
c.	iprar-kate	‘corredor’
d.	kokoj-kate	‘matador de macaco’

3.2. Nomes de paciente

Nomes de paciente são formados a partir do acréscimo do sufixo *-ti* acrescentado a uma base nominal ou um nome de ação. O significado construído após a junção do tema base + *-ti*³ é “alguém no estado de ou que se caracteriza por uma qualidade específica ou costumeira” (MIRANDA, 2014, p. 104). A seguir apresentamos exemplos de nomes de paciente.

63)	Nome de paciente	Tradução
a.	hɫ-ti	‘adoentado’
b.	hej-ti	‘mentiroso’
c.	hapaktu-ti	‘esquecedor’
d.	ĩnfũ-ti	‘sorridente’
e.	ikɫr prãm-ti	‘gritador’
f.	h-amã-ti	‘curioso’

³ Em Krahô, há o sufixo *-si*, que corresponde em K̀yikat̀jê, segundo nossa análise ao sufixo *-ti*, formador de nomes de paciente.

3.3. Nomes de circunstância

Os nomes de circunstância são formados da combinação de um nome deverbal com o sufixo *-ɸʌ*. Esses nomes referem local e instrumento, como ilustram os exemplos abaixo.

64)	Nome de circunstância	Tradução
a.	kapõ-n-ɸʌ varrer-NLZ-NLZ	‘instrumento que serve para varrer’ ‘vassoura’
b.	kajpe-r-ɸʌ abandar-NLZ-NLZ	‘instrumento para abanar’ ‘abanador’; ‘ventilador’
c.	mẽ kãm kwə-r-ɸʌ PL loc defecar-NLZ-NLZ	‘lugar de defecar das pessoas’ ‘sanitário’
d.	mẽ kãm tajho-ø-ɸʌ PL loc desenhar-NLZ-NLZ	‘lugar de desenhar das pessoas’ ‘escola’
e.	amjĩ pupu-n-ɸʌ refl ver-NLZ-NLZ	‘instrumento para se ver’ ‘espelho’
f.	tə amjĩ kɾʌ-ɸʌ instr refl seco-NLZ	‘instrumento para se secar’ ‘toalha’

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo descrevemos a morfologia dos nomes da língua K̀yikatêjê, mostrando a existência de nomes relativos, descritivos e absolutos. Vimos que tanto os nomes relativos quanto os descritivos expressam relações de posse e, do ponto de vista morfossintático, são idênticos, pois recebem reflexão relacional. Diferenciam-se, entretanto, semanticamente: enquanto os nomes descritivos expressam qualidade, sensação física, estado mental e dinamicidade, os relativos referem-se a partes de um todo.

Vimos que os nomes absolutos independem de outros nomes para serem atualizados no discurso, pois não se relacionam com outros nomes e, por isso, não recebem prefixos relacionais. Quando nomes absolutos passam a constituir algum tipo de relação de posse para algo ou alguém, precisam vir acompanhados de um nome genérico para indicar tal relação. Nesses casos, entendemos que aquilo de que alguém tomou posse, passa a ser uma propriedade sua, sendo essa relação marcada na morfossintaxe da língua K̀yikatêjê. Assim, um nome absoluto pode passar a ser “um relativo” a alguma coisa ou a alguém, mas é um relativo diferente, porque, nesse caso, trata-se de uma posse de fato. Por exemplo, os sintagmas *meu braço* e *galho da árvore* expressam partes de um todo, por isso estabelecem uma relação de dependência com seus respectivos determinantes. Da mesma forma no sintagma *meu pai* a relação de parentesco jamais deixará de existir, por mais que alguém, eventualmente, queira renegar o próprio pai. Em contrapartida, podemos afirmar que temas como, *macaco*, *cachorro*, *anta* são absolutos, mas quando alguém na comunidade se apropria de um desses animais e passa a criá-lo como animais domésticos, a comunidade sabe, tacitamente, que a relação de posse, nesse contexto, é semanticamente diferente daquela dos nomes relativos, e isso é expresso na morfossintaxe da língua.

Vimos também algumas propriedades gramaticais dos nomes quanto ao número e gênero. Na língua portuguesa, o singular e o plural, o feminino e o masculino são marcados morfologicamente. Em K̀yikatêjê, não há mecanismos morfológicos para indicar o plural, tampouco o singular é marcado. A noção de plural se dá sintaticamente por meio do morfema ‘pluralizador’ *mẽ*, que ocorre anteposto a nomes com traços [+ humano], ou seja, os que fazem referência a animais e plantas, por exemplo, não entram nessa categoria. Os nomes com traços semânticos [- humano] são pluralizados com o morfema *kwə*.

O gênero não se manifesta morfológicamente e sim por meio de itens lexicais que fazem referência a termos de parentesco – de acordo com o gênero do interlocutor e do locutor. Existem ainda morfemas que sugerem o gênero biológico de aves e animais.

Observamos que os nomes em K̄yikatêjê também se derivam como no Português. O que chamamos de aumentativo e diminutivo pode ser visto na língua K̄yikatêjê como atenuação e intensificação, através dos morfemas {-re} e {-ti}, respectivamente. Na composição, há pelo menos dois termos para formar um terceiro. Além disso, no processo de composição lexical, constatamos os seguintes termos de classe: *pa*, usado para plantas em posição vertical (árvores); *ko*, para identificar o lugar onde existem muitas árvores do mesmo tipo e *kako*, que designa referentes líquidos. O estudo finaliza com a nominalização. Através desse mecanismo, os falantes da língua transformam itens lexicais de outras classes de palavras em nomes. Para nomes de agente acrescenta-se *kate* a temas verbais. Para formar nomes de pacientes que expressam o estado em que alguém se encontra, acrescenta-se ao tema nominal o sufixo *-ti*. Os últimos são formados da combinação de um nome deverbal com o morfema *fa*, que designa nomes de circunstância, pois referem lugares, instrumentos e eventos.

Esperamos com esta pesquisa contribuir para o conhecimento gramatical da língua K̄yikatêjê, ainda incipientemente descrita, se a comparamos com a variedade *Parkatêjê*, por exemplo, para a qual há um bom número de artigos, dissertações e teses já publicados. Ensejamos, também, que essa pesquisa seja uma ferramenta para o conhecimento científico de alguns aspectos da língua K̄yikatêjê – já que se trata do primeiro estudo de descrição linguística da língua – e suscite outros, sempre visando a contribuir dentro e fora da escola com a aplicação dos seus resultados no ensino para promover o fortalecimento da língua e da cultura K̄yikatêjê e a prática dessa língua pela e na comunidade.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Stephen R. Inflectional morphology. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 150-201. (v. 3: Grammatical categories and the lexicon).
- ANWARD, Jan. A dynamic model of part-of-speech differentiation. In: VOGEL, P. M.; COMRIE, B. (org.). *Approaches to the typology of word classes*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 3-45.
- BYBEE, John L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- COSTA, Lucivaldo S. *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín*: contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê. 2003. 79 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.
- COSTA, Lucivaldo S. *Uma Descrição Gramatical da Língua Xikrín do Cateté (família Jê, Tronco Macro-Jê)*. 2015. 359 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. 2003. 266 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Campinas, Campinas, 2003.
- MIRANDA, Maxwell Gomes. *Morfologia e morfossintaxe da língua Krahó (família Jê, Tronco Macro-Jê)*. 2014. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164-206.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.
- TRASK, R. L. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. London: Routledge, 1994.